

JOSEP-IGNASI SARANYANA: 'É PRECISO IR A TOMÁS PARA CURAR MUITOS HÁBITOS MENTAIS'.

por Paulo Faitanin – UFF



Josep Ignasi Saranyana

Josep-Ignasi Saranyana [Barcelona 1941], Doutor em Filosofia e Letras (Filosofia) e Doutor em Teologia (Teologia Histórica), é Professor Ordinário da Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, Diretor do Instituto de História da Igreja e Diretor da revista 'Anuario de Historia de la Iglesia'. Especializou-se em História da Filosofia e da Teologia, sobretudo medieval e renascentista, também em sua projeção americana. É Professor visitante de inúmeras Universidades, dentre elas a Universidade Nacional Autônoma do México (Distrito Federal) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre-Brasil). É Membro do Pontifício Comitê de Ciências Históricas. É vasta a sua produção bibliográfica: *Introducción a la historia de las doctrinas económicas sobre la población*, Eds. Confederación Española de Cajas de Ahorros, Madrid 1973, 172 pp. *Tiempo y eternidad (Estudio sobre la Teología de la Historia en San Buenaventura)*, Gráficas Egúzquiza, Pamplona 1976, 96 pp.; também em "Excerpta e dissertationibus in Sacra Theologia", Universidad de Navarra, s/f, vol. II, n. 3. *Joaquín de Fiore y Tomás de Aquino (Historia doctrinal de una polémica)*, em colaboração com I. Brosa e F. Calogero, Eunsa, Pamplona 1979, 174 pp. *Historia de la Filosofía Medieval*, Eunsa, Pamplona 1985, 308 pp. (2ª ed., corrigida e ampliada, 1989, 352 pp.; 3ª ed. corrigida e novamente ampliada, 1999). Trad. inglesa: Editorial Sinagtala Publishers, Manila. *Teología profética americana. Diez estudios sobre la evangelización fundante (siglo XVI)*, EUNSA, Pamplona 1991, 272 pp. *La Iglesia católica y América*, Editorial Mapfre, Madrid 1992, 371 pp. (em colaboração com E. Luque Alcaide). *Joaquín de Fiore y América*, Eds. Eunate, Pamplona 1992, 132 pp. (em colaboração com A. de Zaballa). Segunda edição corrigida e ampliada, Pamplona 1995, 182 pp. *El quinto centenario en clave teológica (1493-1993)*, Eds. Eunate, Pamplona 1993, 86 pp. *Grandes maestros de la teología I. De Alejandría México (siglos III-XVI)* Ed. Atenas, Madrid 1994, 276 pp. *Historia de la Teología*, BAC, Madrid 1995 (em colaboração com J. L. Illanes). Segunda edição revista, 1996. Terceira edição revista e ampliada, 2002, 430 pp. Tradução ao polonês: Editorial Emkla, Cracovia 1997. *La discusión medieval sobre la condición femenina (Siglos VIII al XIII)*, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca (Bibliotheca Salamanticensis. Estudios, 190),



Salamanca 1997, 156 pp. Breve Historia de la Filosofía Medieval, Eunsa ("Iniciación Filosófica"), Pamplona 2001, 176 pp. Teología de la mujer, teología feminista, teología mujerista y ecofeminismo en América Latina (1975-2000), PROMESA (Serie: Teología, I), San José de Costa Rica 2001, 144 pp. La filosofía medieval. Desde sus orígenes patrísticos hasta la Escolástica barroca, EUNSA ("Colección Pensamiento filosófico medieval y renacentista", 51), Pamplona, 2003, 520 pp. Filosofía y teología en el Mediterráneo occidental (1263-1490), EUNSA (Col. "Historia de la Iglesia", 35), Pamplona 2003, 214 pp. Cien años de Teología en América Latina (1899-2001), Ediciones Promesa, San José de Costa Rica 2004, 208 pp; (edição corrigida e ampliada, Centro de Publicaciones del CELAM, Bogotá, 2005, 223 pp.). Prestes a ser lançada no Brasil a tradução portuguesa de sua famosa *Historia de la Filosofía Medieval* [Pamplona: EUNSA, 1999], a *Aquinate* antecipou-se para saber quais as novidades e notas inéditas que constarão na edição brasileira de sua obra. A Aquinate agradece imensamente a gentil entrevista que o Dr. J.-I. Saranyana concedeu-nos.

Entrevista

1. Breve teremos uma edição portuguesa do seu importante livro *Historia de la Filosofía Medieval*.

Estou muito fascinado com a edição brasileira do meu manual. Publiquei esta obra pela primeira vez, em formato muito menor, em 1985. Desde então foi sendo ampliado. Ao chegar à quarta edição, mudei-lhe o título para não confundir os leitores.

2. Houve alguma mudança importante entre o original espanhol e a versão brasileira?

A versão brasileira foi feita sobre a quarta edição espanhola, embora a brasileira tenha também incorporado importantes mudanças: por exemplo, para esta tradução, modifiquei quase por completo o longo capítulo dedicado a João Duns Escoto.

3. Por que Duns Escoto precisamente?

Penso que Duns Escoto é um autor fundamental para compreender o desenvolvimento da filosofia medieval e por isso o continuei trabalhando.

Estou cada vez mais convencido de que a filosofia propriamente escolástica, no sentido técnico do termo, começou com Duns.

4. Não obstante, os manuais assinalam que a escolástica já havia percorrido muito caminho quando Duns ingressou na Universidade de Paris, em fins do século XIII...

É importante colocar-se de acordo no que significa a escolástica. Se só nos referimos a um estilo acadêmico e a um método docente, suas origens remontam a Pedro Abelardo. Se, por outro lado, queremos assinalar uma filosofia concreta (alguns interesses, alguns temas, uma forma de argumentar, algumas autoridades), então haveria que atrasar o começo da escolástica até os tempos de Duns Escoto. Duns está no começo da posterior "racionalização" que sofrerá a filosofia medieval e da problematização, também posterior, a que se veria submetido o estatuto científico da teologia. Este assunto é muito complicado e me exigiu muitas horas de reflexão. Penso que pouco a pouco ocorreu-me um pouco de luz neste tema tão obscuro, especialmente desde que entrei em contato com os estudos de Ludger Honnefelder.

5. Mas alguns pensam que o protagonismo de Duns ficou muito diminuído desde o florescimento da Escola de Salamanca e, sobretudo, desde a aparição de Francisco Suárez e a escola jesuíta...

A manualística –como o Sr. disse– repete que o séc. XVI contemplou o decolar, o *take off* do tomismo, e que pouco depois o tomismo entrou em dialética com o suarismo. Mas esta interpretação se fixa só na superfície dos fatos. Étienne Gilson e outros medievalistas destacaram um fato transcendental, ignorado durante gerações. A leitura que o século XVI fez de São Tomás foi, com muito poucas exceções, uma leitura desde a ótica de Caetano. E Caetano, com sua preclara inteligência e seu enorme prestígio dentro da Ordem dominicana, "contaminou" o Aquino, por assim dizer, com alguns pontos de vista que não eram completamente fiéis à mente de São Tomás. O ciclo do caetanismo puro encerrou-se com João de São Tomás, em meados do século XVII. Então começou o barroco escolástico.

6. E o que foi o barroco escolástico?

É a filosofia escolástica posterior à Guerra dos Trinta Anos, desde 1650, mais ou menos. Seu ciclo se prolongou até à Revolução francesa. Foi preparada pela síntese de Francisco Suárez e o tomismo caetanista, e tem a ver com o

estilo inaugurado por Duns Escoto e pelos temas iniciados por ele mesmo. Foi uma filosofia muito interessante, de caráter eclético, submetida a duríssima crítica por parte da Ilustração. Contudo, o paradoxo é que a primeira Ilustração não esteve demasiado distante de muitas soluções da escolástica barroca.

7. Como o Sr. caracterizaria esta escolástica?

Como já disse, a filosofia escolástica barroca não foi tomasiana, em sentido próprio. Prosseguiu o itinerário iniciado por Duns, já cheio de contribuições muito variadas. Cheguei a esta conclusão depois de analisar muitos códices manuscritos dos séculos XVII e XVIII. Para dizer em palavras um tanto quanto provocativas: Duns foi pré-moderno; Aquino é mais perene.

8. Pensa que é fácil a filosofia do Aquinate?

A síntese do Aquinate não é fácil, porque a mentalidade moderna está mais próxima dos pontos de vista escotistas, caetanistas ou suarezistas. Não esqueças que Heidegger escreveu sua tese de habilitação para a docência sobre Duns Escoto, aprovada em 1915.

9. Por que o Sr. diz isso?

Entender Tomás exige uma imersão muito séria na metafísica, o que não está acostumado o homem moderno. A abstração metafísica supõe superar o nível imaginativo e ao mesmo tempo filosofar a partir da experiência, algo muito difícil. A mente não se abre à abstração, isto é, à verdadeira compreensão filosófica, até o final de sua adolescência e primeiros estágios da juventude. E inclusive isso ocorre muito lentamente. Por essas idades, a batalha pode já estar de antemão perdida, se faltam sérios hábitos de disciplina intelectual.

10. O que fazer então?

É preciso ir a Tomás para curar muitos hábitos mentais. Leão XIII compreendeu isso muito bem, ainda que não sei se o viram tão claro muitos de sua época. Isto é irrenunciável. Inclusive os norte-americanos, sempre tão pragmáticos, o entenderam nos últimos anos. Nos EUA há um forte movimento tomista, que tenta ler São Tomás em seus próprios textos.

11. Qual o tema da filosofia tomista mais o impressionou?



Li muito São Tomás. Ao elaborar minha tese doutoral em Teologia tive que fazê-lo diretamente em suas próprias obras, para comparar os seus pontos de vista com os de São Boaventura. Os manuais não me ajudavam muito. Talvez o mais gratificante, quando se adquire uma certa familiaridade com a síntese tomasiana, é a simplicidade das propostas aquinianas. A simplicidade não está comprometida com a profundidade.

12. Bento XVI fala-nos da ditadura dos relativismos. Crês que a filosofia atual deveria superar esse clima relativista mediante a busca da verdade? Como fazê-lo?

O Santo Padre falou de relativismo, sobretudo, em suas primeiras intervenções. Não obstante, convém não trivializar suas informações. Ao se referir ao perigo do relativismo, Bento XVI tem em mente o círculo hermenêutico. Ele sabe muito bem, porque o conheceu na Alemanha durante seus anos de professor, que é muito complicado ser coerente com os pressupostos cristãos a partir da hermenêutica existencial. É evidente que o Papa não atribui toda a responsabilidade a Rudolf Bultmann. Ele entende –se não estou equivocado em minha apreciação– que Bultmann e o jovem Heidegger expressam a quinta essência da mentalidade moderna.